

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS
ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM
ÊNFASE EM ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO**

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER DOCEIRA DO
SERIDÓ PARAIBANO: MEMÓRIAS, TRABALHO E
EDUCAÇÃO.**

Edjane dos Santos Mangueira

Cuité-PB

2017

EDJANE DOS SANTOS MANGUEIRA

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER DOCEIRA DO
SERIDÓ PARAIBANO: MEMÓRIAS, TRABALHO E
EDUCAÇÃO.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leticia Caporlândia Giesta.

CUITÉ – PB

2017



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

M277h Mangueira, Edjane dos Santos.

História de vida de uma mulher doceira do seridó paraibano: memórias, trabalho e educação. / Edjane dos Santos Mangueira. – Cuité: CES, 2017.

44 fl.

Monografia (Especialização em educação de jovens e adultos com ênfase em economia solidária no semiárido paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFCEG, 2017.

Orientadora: Dra. Leticia Caporlingua Giesta.

1. Educação de jovens e adultos. 2. História de vida. 3. Economia solidária. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCEG

CDU 374.7

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano à Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cuité, para a obtenção do título de Especialista.

EDJANE DOS SANTOS MANGUEIRA

Monografia apresentada em: ___/___/___

Orientadora (a) Profa. Dra. Leticia Caporlingua Giesta.

1º Examinador (a) Profa. Dra. Michelle Gomes Santos.

2º Examinador (a) Profa. Dra. Cláudia Pátricia Oliveira Santos.

Coordenadora Profa. Dra. Cláudia Pátricia Oliveira Santos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me guiar durante toda a minha jornada de vida, aos meus pais, familiares, namorado e amigos por sempre estarem perto quando preciso me auxiliando e dando força pra seguir em frente.

A minha orientadora professora Dra. Letícia, pela sua orientação e oportunidade de conclusão desse trabalho.

A Dona Nevinha pela disponibilidade, carinho e paciência que sempre teve para a elaboração desse trabalho.

Enfim para todos que não citei, mas que de alguma forma foram determinantes na minha vida para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

O presente trabalho consiste em um relato com partes da história de vida de uma mulher trabalhadora do município de Pedra Lavrada estado da Paraíba desde o seu nascimento até os dias atuais. O estudo objetivou-se focar em sua escolarização, trabalho e a forma de educação recebida seja escolar ou no seu meio social, para isso foi feita uma entrevista semi-estruturada, a partir da qual se obteve informações e logo após analisados e discutidos os resultados. As principais discussões foram voltadas para a escolarização da mulher e sua condição diante da sociedade, assim como sua formação através de uma educação informal e da escolarização através da EJA e analisada sua forma de trabalho manual como uma possível fonte de renda através da economia solidária.

Palavras chaves: história de vida, educação informal, EJA, Economia solidária.

ABSTRACT

The present work consists of an account with parts of the life history of a working woman of the municipality of Pedra Lavrada state of Paraíba from its birth until the present day. The study aimed to focus on their schooling, work and the form of education received either at school or in their social environment, for this was done a semi-structured interview, from which information was obtained and soon after analyzed and discussed the results. The main discussions focused on the schooling of women and their condition vis-à-vis society, as well as their training through informal education and schooling through the EJA and analyzed their form of manual labor as a possible source of income through solidarity economy.

Key words: life history, informal education, EJA, solidarity economy.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Sítio onde reside dona Nevinha, mostrando sua casa e alguns animais domésticos.....33
- Figura2:** Produção de doces de dona Nevinha já embalados e etiquetados prontos para comercialização.....36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
3. REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1 Relatos de vida: Uma percepção do que somos hoje através de experiências vividas no passado.....	13
3.2 A educação popular (informal), EJA e Economia Solidária.....	15
4. METODOLOGIA	25
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
APÊNDICE	44

1. INTRODUÇÃO

Os saberes que adquirimos durante nossa trajetória de vida tornam-se um rico acervo que influencia e trazem bastantes informações com relação à nossa formação identitária, cultural, social e econômica.

Relatos pessoais são vistos como narrativas dos sujeitos, artífices da própria história. “A oralidade consiste na expressão de lembranças desse sujeito que aciona a sua capacidade psíquica de rememorar, propriedade humana de conservar certas informações sobre o passado” Le Goff (2003).

Os relatos de vida é uma modalidade que nos remete ao nosso autoconhecimento e nos mostra como nossa realidade atual foi moldada de acordo com o que vivenciamos e realizamos no passado, muitas delas pelas experiências ou aprendizagens muitas vezes passadas de pais para filhos através da educação informal, na qual têm contribuído bastante na vida de mulheres que buscam ganhar uma renda extra que trabalham com algum tipo de atividade manual ou foi aprendida através dessa modalidade de educação e transformada em meios de garantir a sua independência financeira. O que se observa é que esse tipo de aprendizagem torna-se algo com tamanha relevância e ocorre muitas vezes de forma espontânea através de observação de pessoas que já os pratica e os transmite, sem requerer, no entanto um curso específico para exercer esse tipo de ofício. O que muitos fazem é apenas um curso de capacitação para o aprimoramento e reconhecimento oficial da profissão exercida.

Sabe-se que a educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino reconhecida pelo MEC no qual pretende alfabetizar jovens e adultos que não poderão concluir seus estudos na rede regular de ensino, já educação popular é um tipo de educação informal na qual é aprendida e passada de pais para filhos, tornando-se às vezes algo essencial na vida profissional de muitos jovens e adultos como uma forma de adquirir uma profissão. Esse tipo de educação muitas vezes é aprimorado através de cursos de capacitação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, de 20 de dezembro de 1996, em seu Art. 1º, diz: [...] a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (p. 15).

Muitos desses ensinamentos aprendidos informalmente contribuem para formação de um grupo de economia solidária em que cada um traz seus saberes e aprendizados exercendo coletivamente a gestão das atividades, como relata Silva (2011 p. 61);

À prática educativa emancipadora, crítica, dialógica e humilde no sentido de valorizar os saberes já construídos pelas mulheres pode contribuir no processo de emancipação feminina, pois tanto a economia solidária como a educação popular e o feminismo partem de saberes e significados construídos pelas próprias envolvidas, e não de um saber e conhecimento já pronto e formulado que, no mais das vezes, não é significativo para o grupo.

Através da história oral descobrimos as habilidades e saberes adquiridos por mulheres durante sua trajetória de vida e a contribuição que os mesmos têm na sua educação e como essas práticas aprendidas contribuem para a formação de um grupo de economia solidária trazendo a habilidade da mulher de exercer sua independência financeira como sempre fez através de gerações pelos métodos de utilização do seu trabalho manual e agora se utilizando também da economia solidária para maior êxito financeiro.

As histórias de vida contemplam aspectos da trajetória pessoal, profissional e educativa na qual devemos considerar o papel que a mesma desempenha no desenvolvimento desses sujeitos. Além dessa contribuição relevante do lado profissional, esses relatos nos trazem ao conhecimento de emoções, relacionamentos, afetividades, trajetórias vividas, dificuldades enfrentadas, etc. Todos esses acontecimentos contribuem para formação da mulher profissional, mãe, filha, educadora e demonstra seu principal papel voltado para a sociedade em geral e a importância que a mesma exerce no meio social em que vive e as diversas formas na qual se relaciona com todos os de que dela dependem seja financeiramente ou emocionalmente. Segundo

Corrêa e Guiraud (2009, p.677), “esse procedimento como opção metodológica apresenta-se como uma opção importante, ou seja, ao propormos ouvir e analisar aspectos de histórias de vidas de pessoas creditamos a elas enquanto sujeitos, uma valiosa contribuição para o entendimento da realidade investigada”

O presente estudo irá relatar a história de vida de uma mulher doceira trabalhadora do Seridó paraibano, descrevendo as principais influências do meio na qual ela esta inserida que a moldaram como profissional/mulher, através da oralidade. Assim, tem como objetivo Analisar fatores de influência da educação na identidade social, cultural e econômica, Identificando memórias e experiências individuais através da narração bem como suas contribuições para sua formação pessoal e profissional e assim descrever a partir das histórias de vida, como ações de educação moldaram sua prática como profissional e mulher e associar o seu trabalho desenvolvido manualmente com os princípios de economia solidária.

Assim, o estudo com base no relato oral traz uma importante análise sobre o perfil da mulher que não teve oportunidade de concluir seus estudos no tempo certo e como acontecimentos e influências moldaram a mulher e as suas aptidões para as diversas formas de trabalho e aquisição de renda com uma habilidade adquirida através da arte manual e que poucos têm, fazendo-se assim uma análise da história de formação pessoal de cada indivíduo.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- ✓ Analisar fatores de influência da educação na identidade social, cultural e econômica de uma mulher doceira do Seridó paraibano.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Identificar memórias e experiências individuais narradas e suas contribuições para sua formação pessoal e profissional.
- ✓ Descrever a partir das histórias de vida, como ações de educação moldaram sua prática como profissional e mulher;
- ✓ Associar o trabalho desenvolvido com os princípios de economia solidária.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Relatos de vida: Uma percepção do que somos hoje através de experiências vividas no passado.

“A oralidade, como recurso de testemunho, é utilizada desde a Antiguidade, contudo, desde o século XVIII, quando a História começou a se constituir enquanto disciplina acadêmica, a escrita é evidenciada, relegando-a ao segundo plano” Guiraud e Corrêa, (2009, p.675). É através das experiências vividas no passado que moldamos o que somos no presente, só assim conseguimos responder o porquê das nossas atitudes, crenças, formas de trabalho, convivência familiar, forma de encarar a realidade etc., e isso caminham juntos durante toda trajetória da nossa vida, assim como descreve o autor Silva e Eggert (2011, p.60);

A proposta do processo de conhecer a si mesmo não significa apenas compreender como nos formamos e a influência de nossas experiências em nossa vida, mas, para, além disso, nós reconhecemos como sujeitos sociais, permitindo encarar nossos objetivos de vida daí por diante de forma mais consciente e autônoma, tornando-nos efetivamente sujeitos de nossas existências.

“Quanto ao significado do termo história de vida, a língua inglesa dispõe de duas palavras para traduzir o vocábulo francês *histoire*, que são *story* e *history*, conforme esclarece Bertaux: A *life story*, é a estória ou o relato da vida, que designa o relato de vida narrado tal como a pessoa vivenciou”. “O pesquisador não confirma a autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem está narrando” Santos e Santos (2008).

Sobre a narrativa história de vida o autor Moraes (2004) descreve;

A narrativa tem sido utilizada, na pesquisa qualitativa, como um instrumento de coleta de dados, com o mérito de também ser considerado um trabalho formativo, porque pode permitir a organização das experiências humanas ao mesmo tempo em que o sujeito organiza suas ideias para o relato quer escrito, que oral também reconstrói sua experiência de forma reflexiva e, com isso, acaba fazendo auto-análise que lhe pode proporcionar novas bases de compreensão de sua própria prática.

As histórias de vida para o autor Ramalho (2012) “são entrevistas exaustivas com os atores sociais com objetivo de obter uma narrativa dos seus

percursos de vida”, ainda segundo o autor “Neste tipo de metodologia é importante o ponto de vista de quem está a narrar. Este tipo de investigação compreende um estudo aprofundado da vida de um indivíduo ou grupos de indivíduos”.

Para o autor Matos e Senna (2011) “a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado”.

O estudo nos mostra como o passado de uma pessoa pode refletir no que ela é hoje nos seus costumes e a maneira de como se vive.

Ramalho (2012) descreve o principal objetivo do relato de vida no qual ele cita que;

O objetivo deste tipo de estudo é, fundamentalmente, apreender e compreender a vida conforme é relatada e a forma como o próprio indivíduo interpreta a sua história. Do lado do investigador importa salientar o aspeto da capacidade de escuta e de reflexão. Através das histórias de vida individuais podemos caracterizar a prática social de um grupo, família ou indivíduo. Assim, a “entrevista individual”, direta ou indiretamente, ajuda a compreender uma quantidade de valores, definições e atitudes do grupo ao qual o indivíduo pertence. A história de vida é enriquecedora do ponto de vista reflexivo na medida em que permite ao indivíduo refletir sobre a sua história enquanto a descreve.

O relato de vida contado pela própria pessoa traz detalhes e emoções que foram vividos que se tornam únicos na vida daquele indivíduo como bem descreve o autor Santos e Santos (2008);

A história de vida permite obter informações na essência subjetiva da vida de uma pessoa. Se quisermos saber a experiência e perspectiva de um indivíduo, não há melhor caminho do que obter estas informações através da própria voz da pessoa. O método utiliza-se das trajetórias pessoais no âmbito das relações humanas. Busca conhecer as informações contidas na vida pessoal de um ou de vários informantes, fornecendo uma riqueza de detalhes sobre o tema.

Segundo o autor Perazzo (2015), “o sujeito e a cultura tornam-se fundamentais para a compreensão dos múltiplos sentidos, dos processos de comunicação bem como sua ligação com o cotidiano, memórias e as diversas práticas sociais”.

Nossa história é única cada indivíduo traz consigo experiências vivenciadas que são como registros da nossa própria existência como afirma Oliveira (2013);

As lembranças guardadas e nossa memória vão construindo nossa história, nos tornando singulares pelas experiências e, mesmo que vivamos as mesmas situações de outras pessoas, sempre haverá diferenças nas percepções. Somos seres únicos e com identidades próprias.

Ainda segundo o autor Oliveira (2013);

Contar uma história é revivê-la, é senti-la, é emocionar-se, é trazer para aquele momento, o tempo que ficou retratado na memória e para conhecermos alguém temos que aprender a ouvir sua história de vida para, a partir dela, compreendermos quais as conquistas, as angústias, e as decepções que fizeram parte de sua trajetória.

Cada pessoa é autor da sua própria vida e como autor sabe relatar de forma bastante coerente como se deu sua trajetória, os caminhos buscados nela e as suas principais inspirações e influências que para o autor Guiraud e Corrêa (2009, p.680), "pode-se apresentar-se como histórias orais ou relatos orais de vida, situações em que o próprio narrador referencia sua vida e experiência."

Segundo o autor Matos e Sena (2011);

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar as impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos.

3.2 A educação popular (informal), EJA e Economia Solidária.

A educação popular (informal) é aprendida por jovens e adultos e serve como subsídio para o desenvolvimento de uma profissão, sendo essa uma modalidade de educação que não pode ser desprezadas e sim estudadas para se entender como muitas pessoas aprendem uma profissão sem muitas vezes frequentar um curso no qual os capacite para isso, e sobre esse tipo de educação o autor Neves et al. (2013) afirma:

Pode-se dizer que a educação surge à medida que se institui a cultura um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, leis, moral, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade Surge como fenômeno que integra uma totalidade cultural, traduzindo-se como ato de ensinar e aprender, que

garante as condições de coesão, de renovação e da própria sobrevivência da sociedade.

Ainda segundo o autor Neves et al. (2013), “essa educação pode ser representada de modo principal, mas não exclusivo, pelos processos educativos cotidianos ocorridos no seio da família, bem como no meio social difuso ou organizado (igrejas, espaços de lazer e cultura, movimentos sociais) e nos meios de comunicação em massa”.

Tudo que aprendemos seja observando ou passado por alguém do nosso convívio social é um tipo de educação informal. Existem três tipos de educação a que ocorre no espaço escolar (formal), não escolar (não formal) e informal. E sobre esses três tipos de educação o autor Gohn (2006, p.29) descreve;

Na educação formal sabemos que são os professores. Na não formal, o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, nos meios de comunicação de massa, etc.

Para o autor Gaspar (1990);

Na educação informal, não há lugar, horários ou currículos. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber. Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência.

Essa educação traz diversos benefícios pra humanidade porque é através dela que aprendemos as principais formas de sobrevivência e adquirimos muitas vezes uma profissão.

Esse tipo de educação pode ser encaixada como uma modalidade ou complemento á educação de jovens e adultos porque os capacita profissionalmente através de saberes adquiridos com pessoas que possuem habilidade e aptidões voltadas para o saber profissional ao qual está sendo transmitidas. Em relação à educação de jovens e adultos o autor Bezerra et. al.(2013) afirma;

A Educação de Jovens e Adultos deve ser vivenciada, portanto, é aquela que promove a formação do ser humano em todos os seus aspectos, inclusive na construção da cidadania, auxiliando no exercício do pensamento crítico, além de

contribuir para a construção de novos conhecimentos dentro do contexto real da sociedade o autor afirma ainda que de maneira geral, acreditamos que a Educação de Jovens e Adultos, pautada nos ideais da classe trabalhadora e com base na educação popular (EP), deve considerar o contexto do educando e sua subjetividade, levando-o a interagir com seu espaço, consciente das transformações ocorridas na sociedade, em seus aspectos sócio-político, econômico e cultural.

Com isso o autor exalta a importância da educação popular como um complemento a educação de jovens e adultos.

Para Libâneo (1994), a educação corresponde, pois, a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a três situações reais e desafios da vida prática. Libâneo (1994, p. 22-23).

Com relação à formação das mulheres em EJA tem sido mais recorrente as suas procuras por essa modalidade de ensino como relata o autor Barbosa (2013, p. 2026) que as mudanças econômicas e culturais pelas quais estamos passando paulatinamente têm levado ao crescimento da participação das mulheres nos programas educacionais da Educação de Jovens e Adultos, tentando superar a exclusão das mulheres no sistema educacional. Através da EJA, muitas mulheres estão tendo a oportunidade de iniciar ou dar continuidade a sua escolarização e com isso aprimorar muitas vezes técnicas já aprendidas.

“Nas últimas décadas a sociedade brasileira presenciou um avanço crescente das mulheres na luta pela inserção no mercado de trabalho. Avanço este explicado por uma combinação de fatores econômicos, sociais e culturais que de certa forma desfavoreceram boa parte delas” Ramos (2011, p. 2).

E essas mudanças têm ocasionando uma melhor qualificação profissional das mulheres deixando de apenas exercer o papel de doméstica e assim chefiar financeiramente suas famílias, sobre essa condição histórica da mulher voltada apenas pra os afazeres domésticos o autor Oro, Weschenfelder, Stecanela (2011, p.7) descreve;

As funções que as mulheres exerciam no mercado de trabalho, se deram de acordo com as construções históricas e culturais

do papel da mulher ao longo do tempo, ou seja, foram encaminhadas para funções propriamente atribuídas são papel da mulher, como o emprego de doméstica, babá ou costureira. Trabalhos estes, que não implicam qualificação apenas habilidades e qualidades.

Para o autor Barbosa (2013, p. 2022).

Atualmente, as mulheres estão abrindo caminhos, conquistando novos espaços e é cada vez maior a sua participação no mercado de trabalho, ainda que saibamos que a inserção da mulher na população economicamente ativa e a sua ascensão educacional nas últimas décadas não veio acompanhada de condições igualitárias. Para tanto é necessário entendermos que há um movimento crescente das mulheres em busca de uma maior escolarização, e a constatação da retomada à escola pela via de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho e sua luta pela conquista pela igualdade o autor Oro, Weschenfelder, Stecanela (2011, p.8) descreve;

A inserção das mulheres no mercado de trabalho traz consigo uma mudança no modo em que elas passam a se relacionar com a escolarização. A pressão das mulheres pela conquista de igualdades, relacionadas a cargos e salários, vem acompanhada pela qualificação profissional, mesmo que atue em funções que elas não sejam necessárias, o mínimo que se obriga é o término da escolarização obrigatória. E esse modo de inserção traz uma busca pela escolarização que supra a sua necessidade de conhecimento em tempo mínimo pra que possam ingressar no mundo do trabalho.

Para resgatar o tempo perdido muitas mulheres recorrem ao EJA com relação a isso o autor Oro, Weschenfelder, Stecanela (2011, p.11) afirma;

A Educação de Jovens e Adultos vem se consolidando como um importante espaço de superação da exclusão social daqueles que não tiveram oportunidade de acesso à escolarização na idade regular. A EJA traz novas perspectivas para a população adulta que busca a escolarização em prol de futuras melhorias nas condições de trabalho.

“A prerrogativa da mudança de vida tão sonhada por muitos se constitui como impulso para que esses alunos continuem sua trajetória escolar. Há a esperança de que ao se tornarem alfabetizados, consigam um trabalho melhor; ou até uma profissão na qual tenham ousado sonhar” Silva; Ferreira; Ferreira (2011).

Antes mesmo de ingressar em uma educação escolar onde se tem o reconhecimento de sua escolarização muitas mulheres possuem uma educação informal voltado pra sua profissionalização através de trabalhos manuais.

O que se observa no trabalho manual que mulheres realizam pra ter uma renda familiar, utilizando desses saberes adquirido informalmente e passado de gerações a gerações e muitas vezes aprimorados durante sua pratica profissional de acordo com o que dita à moda e as tendências modernas. Com relação à tendência da mulher usar os saberes voltados pra economia familiar o autor Teixeira (2015) relata que:

Nas economias de subsistência, as mulheres efetuam a maior parte dos trabalhos e, em relação aos homens, trabalham durante mais tempo por dia e contribuem mais para o rendimento familiar.

O autor Silva (2015), afirma que “aproximação teórica com o referencial advindo da teoria feminista, basicamente no que se refere à problematização histórica do mundo do trabalho feminino, aliada ao referencial da Arte, mais especificamente da arte-educação, para entender e problematizar as potencialidades criadoras do trabalho artesanal.”.

Essa educação popular (informal) contribui significamente para o desenvolvimento de uma economia solidária na qual cada um desempenha suas funções no grupo de acordo com seus aprendizados e habilidades manuais de forma significava como afirma autor Frantz (2012);

Empreendimentos de economia solidária são também lugares de educação. Isso não apenas por que nelas se promove a atividade educativa, com vistas à capacitação para a cooperação, mas porque nos seus diferentes espaços a educação decorre das relações sociais que ali acontecem, tendo em vista os interesses, as intenções, as necessidades dos associados e as ações decorrentes dessa trama social complexa.

Na proposta da Economia Solidária, o processo de educação e qualificação é um de seus princípios de sustentação. “A apropriação do conhecimento gera criticidade, amplia horizontes, traz independência. Sendo assim, os empreendimentos da Economia Solidária têm possibilitado a participação em projetos de educação de adultos e de cursos de qualificação técnica” Oliveira (2005).

Com relação à participação de mulheres em empreendimentos solidários o autor Bonumá (2015, p. 44), afirma;

Que são poucos os dados sobre mulheres na economia solidária e menos ainda os estudos analíticos sobre essa realidade. O autor ressalta que esses poucos empreendimentos na qual a mulher faz parte utiliza-se da produção doméstica, com produções voltadas pra artes como o artesanato e outras atribuições taxadas como tarefas femininas e que são base para exploração em empreendimentos solidários.

E sobre esse tema o autor Nobre (2003, p.1) descreve que “ainda estarmos num momento de quebrar a invisibilidade das mulheres na economia de um modo geral e, mesmo, na economia solidária”.

As vantagens para formação de grupos solidários são inúmeras como relatado algumas delas pelo autor Araújo (2012);

Educação interage com a economia solidária e passa a ter um novo sentido, agora para o bem social, e não mais individual, onde todos podem ganhar e perder em igualdade e não há mais superiores e subordinados, todos tem os mesmos direitos e deveres, e lutam com o mesmo objetivo, em sociedade e solidariedade uns com os outros. Nesse sistema todos aprendem e ensinam.

“A economia solidária apresenta-se como uma área de inserção dos trabalhadores que estão fora do mercado formal, ou desempregados, em empreendimentos autogestionário, ou seja, organizados por eles mesmos de forma justa e solidaria” Singer (2000), que para as mulheres significaria sua independência financeira, pois muitas possuem habilidades que compartilhadas coletivamente torna-se um potencial pra para produção de bens de consumo e sobre os benefícios de se trabalhar juntos pra adquirir vantagens o autor Gaiger (2002) descreve;

O maior interesse e motivação dos associados, o emprego, mutuamente acordado, da maior capacidade de trabalho disponível, a divisão dos benefícios segundo o aporte em trabalho, são fatos relacionados com a cooperação, no sentido de acionar o favorecer um maior rendimento do trabalho associado.

“A inserção de empreendimentos voltados á geração de trabalho e renda, dentro dos princípios associativista e cooperativista, produz o aumento da renda dos indivíduos participantes e de suas famílias, fazendo que os cidadãos saiam do estágio de exclusão e vulnerabilidade social”. “Os

empreendimentos de economia solidária são experiências coletivas que podem valorizar tanto os sujeitos como o trabalho desenvolvido pelos mesmos". Nascimento (2007, P. 278).

"Economia Solidária não pode ser vista apenas como um movimento econômico é necessário que esteja ligado a outros movimentos sociais que buscam a melhoria de qualidade de vida da população em geral". Corrêa (2001).

"Diante do crescimento dos empreendimentos de economia popular solidárias, verifica-se que estes possibilitam a geração de trabalho e, podem se constituir como possíveis alternativas de geração de renda". Nascimento (2007, P.279). Ainda segundo o autor Nascimento (2007, P. 280);

Os empreendimentos de economia popular solidária representam uma alternativa de geração de trabalho e renda e da melhoria da qualidade de vida. Promovem a as condições para satisfação das necessidades básicas dos participantes, contribuem para a diminuição das desigualdades sociais e para propagação dos valores solidários e cooperativos na sociedade.

Sobre a economia solidária e suas formas de iniciativas o autor Oliveira (2004;) descreve;

A economia solidária abrange varias iniciativas: cooperativas, associações, empresas autogestionárias, ou congestionarias, é medeia por valores de cooperação, democracia e autogestão.

Ainda segundo o autor Oliveira (2004), autogestão que se caracteriza em importante instrumento para o trabalho coletivo, não apenas para o processo de tomada de decisão, mas principalmente para o fortalecimento do sentimento de pertença de cada trabalhador\la no empreendimento solidário, através da transparência, da comunicação, da responsabilidade, da interajuda tornando assim a autogestão essencial para o desenvolvimento da economia solidária.

Segundo o autor Gaiger (2002);

A autogestão e a cooperação são acompanhadas por uma reconciliação entre o trabalhador e as forças produtivas que ele detém e utiliza. Não sendo mais um elemento descartável e não estando mais separado do produto do seu trabalho, agora sob seu domínio, o trabalhador recupera as condições necessárias, mesmo senão suficientes, para uma experiência

integral de vida laboral e ascende a um novo patamar de satisfação, de atendimento a aspirações não apenas materiais ou monetárias

Segundo o autor Gallo et al (2002), para adquirir essas habilidades da autogestão remete a importância do aprendizado e prática continuada em pelo menos três níveis distintos, mas interligados – técnico, como fazer e ensinar outros a atividade fim com competência; administrativo, como gerir com eficiência e democracia os negócios da empresa autogestionária; político, como introjetar os valores históricos do cooperativismo e a perspectiva de construção da Economia Solidária. Para o autor Bonumá (2015, p.40);

Economia solidaria é considerada a atividade econômica e produtiva que visa à geração de trabalho e renda de forma associativa, cooperativa, e autogestionária, buscando mais do que o lucro- a sustentabilidade, a inclusão social, o desenvolvimento comunitário, o bem-estar, e a dignidade humana, e a solidariedade.

“O verdadeiro aprendizado dá-se com a prática, pois o comportamento econômico solidário só existe quando é recíproco”. “Trata-se de uma grande variedade de práticas ajuda mútua e de tomadas coletivas de decisão cuja vivência é indispensável para que os agentes possam aprender o que deles se espera e o que devem esperar dos outros” Singer (2005, p.16).

“Ao contrario do sistema econômico clássico em que o capitalismo detém o meio de produção, a economia solidária tem como princípio de solidariedade, não a exploração da mão de obra. Por isso, está estruturada no modelo de empreendimento cooperativa a partir de associações de trabalhadores” Santos, Conceição e Vieira (2015, s.p.)

Para Singer (2002, p. 10), “a economia solidária é um modo de produção cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital é o direito liberdade individual”.

Segundo o autor Conaes (2006);

A Economia Solidária se caracteriza por práticas fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza. Esta nova prática de produção, comercialização, finanças e consumo privilegiam a autogestão, o desenvolvimento comunitário, justiça social, o cuidado com o meio ambiente e a responsabilidade com as gerações futuras.

Ainda segundo o autor Conaes (2006);

A economia Solidária é geradora de trabalho emancipado, operando como uma força de transformação estrutural das relações econômicas, democratizando-as, superando a subalternidade do trabalho em relação ao capital. Além de geradora de trabalho emancipado a Economia Solidária promove a difusão do consumo consciente, ético e solidário e dessa forma, tais ações e direcionamento procuram uma alternativa ao mundo de desemprego crescente, em que a grande maioria dos trabalhadores não controla nem participa da gestão dos meios e recursos para produzir riquezas, e em que um número sempre maior de trabalhadores e famílias perdem o acesso à remuneração e ficam excluídos das possibilidades de um consumo que atenda dignamente as suas necessidades como ser humano.

Segundo Gadotti (2009, p.44), “para que se fortalecer, ela deve tornar-se mais eficaz do que a própria economia capitalista, em todos os campos, principalmente no campo social”.

É importante considerarmos que entre os/as trabalhadores/as da Economia Solidária, uma parte significativa é formada por mulheres que encontram nas experiências alternativas de geração de renda Oliveira (2004, p. 78) no qual relata o autor;

A economia solidária incorpora em sua proposta muitos elementos das lutas feministas e das mulheres, principalmente no tange ao combate a discriminação de gênero, a reivindicação da equidade e da democracia.

“As mulheres desempenham importante papel na economia solidária que reconhece que a capacidade que a pessoa tem para de terminada função, independentemente do gênero e seu desenvolvimento está pautado na valorização do ser humano”. Santos, Conceição E Vieira (2015, s.p.)

Segundo o autor Guérin (2005) sobre as organizações solidárias;

Observa as organizações solidárias como espaços em que os indivíduos dialogam, decidem, elaboram e colocam em prática projetos adequados a seus contextos e que essas experiências, mesmo que não sejam capazes de resolver todas as dificuldades das mulheres, têm superado algumas delas. Para a autora, a participação de mulheres nesse movimento pode proporcionar o respeito por si mesma e a conquista de autonomia pessoal a partir da definição de um projeto de vida, além disso reforça dizendo que aprendizado e o reaprendizado em grupo, por meio das relações de cooperação e solidariedade, possibilitam para muitas mulheres a consciência e acesso a direitos até então inalcançáveis.

Segundo o autor Ramos (2011,p.9)

Mulheres excluídas do mercado de trabalho terão participação destacada nesses espaços. Ampliando o olhar sobre o trabalho associado e considerando as relações sociais de gênero, percebe-se não apenas a grande participação das mulheres nesses espaços, mas também a expressiva presença delas como gestoras. Essas atividades abrem a elas um campo para que se tornem proprietárias dos meios de produção com as mesmas chances que homens mediante a propriedade coletiva.

Ainda segundo o autor "a economia solidária surge como alternativa econômica de inclusão social ou mesmo oportunidade de trabalho para muitas mulheres. Nessa atividade, trabalhadoras, sobretudo as mais pobres, têm tido a oportunidade de redesenharem-se como agentes, de mostrarem um potencial propositivo na economia e de posicionarem-se contra uma série de estigmas sobre o perfil da mulher pobre que trabalha". Ramos (2011, p. 13).

Para o autor Nobre (2003) "A economia solidária é um terreno privilegiado para exercitarmos novas práticas e proporcionarmos vivências de igualdade e de autonomia para as mulheres".

Segundo o autor Oliveira (2005) descreve;

As mulheres integrantes dos empreendimentos de Economia Solidária partilham entre si a dinâmica familiar, as relações com seus companheiros, as responsabilidades da maternidade, o questionamento das duplas jornadas e as situações de violência intrafamiliar. Para muitas mulheres, o espaço de trabalho extrapola a lógica da reprodução da força de trabalho, caracterizando-se em local de discussão de alternativas e enfrentamento das dificuldades da vida em todas as suas dimensões.

4. METODOLOGIA

Inicialmente foi escolhida uma mulher do Seridó paraibano distrito de Cisplatina no município de Pedra Lavrada no estado da Paraíba com o perfil de uma mulher que trabalha e que não teve oportunidade de concluir os estudos na idade certa e que desenvolve um trabalho manual pra sua geração de renda.

A metodologia empregada foi realizada a partir da história oral, que tem como finalidade entender e aprofundar o conhecimento da realidade do sujeito, através do diálogo e relatos orais. Diante disso, a metodologia fundamentada está de acordo com Silva et al.(2007).

Alguns critérios práticos e éticos para a condução do método de História Oral, como:

- ✓ Elaboração de um projeto;
- ✓ Definição da pessoa a ser estudada entrevistada;
- ✓ Planejamento da condução das gravações;
- ✓ Transcrição e conferência do depoimento;
- ✓ Autorização para o uso da história;
- ✓ Publicação dos resultados, sempre que é possível;

Sobre as trajetórias de vida o autor Santos (2000) ressalta;

As trajetórias de vida participam do instrumental analítico a ser utilizado na leitura de fontes orais, pois assinalam o universo social do qual provieram e no qual se situam as pessoas entrevistadas. Construir uma trajetória de vida não significa elaborar uma mera biografia do sujeito, pois transitando por suas lembranças tem-se contato com as práticas e relações sociais do entrevistado, permitindo-nos estabelecer sua mobilidade social e espacial.

A pesquisa realizada é do tipo qualitativa através da entrevista semi-dirigida realizada apenas com uma pessoa e a mesma foi feita na sua própria residência onde se sentiu mais a vontade para falar.

Durante o relato a entrevistada ficou á vontade para contar tudo sobre sua vida desde o seu nascimento até os dias atuais. Foram feitas algumas perguntas sobre alguns pontos que não ficaram claros principalmente sobre o

que se almeja descobrir nos objetivos. A data de início da entrevista foi modificada algumas vezes, porque a entrevistada teve duas grandes perdas em sua família em um curto período tempo e teve que esperar o seu luto passar. Como já á conhecia bastante e também sei um pouco de sua trajetória de vida ficou mais fácil o meu acesso a ela e transcrição de seu relato.

Durante a entrevista foram feitas várias gravações em celular, como ela ficou bastante emocionada ao contar trechos da sua vida que foram bastante tristes pra ela e até hoje falar sobre isso lhe causa bastante emoção, algumas vezes tive que interromper as gravações continuando logo a seguir.

Estavam presentes também durante a entrevista suas duas filhas e seu esposo que em alguns momentos á ajudava nas suas lembranças, sendo isto de grande valia para o decorrer dos relatos, pois a pessoa muitas vezes esquecia-se de falar algo importante.

Logo após o relato de vida gravado foram feitas as transcrições dos depoimentos através de anotações ressaltando os pontos principais dos objetivos e assim transformados em um só texto onde foram analisados e discutidos nos resultados.

O autor Hass (2012) ressalta que “esse método de entrevista o entrevistado ou colaboradores tem liberdade para dissertar sobre sua vida, conduzindo o desencadeamento da sua história conforme sua vontade, e logo após é transformada em depoimentos e analisados todos os dados descritos”. “Em suma: o material recolhido é fundido num só texto; sobre esse texto proceder-se á uma análise de conteúdo que será de acordo com os objetivos que se deseja alcançar” Tinoco (2004).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dona Nevinha, assim como é conhecida por todos, nasceu em Parelhas-RN no dia 21 de julho de 1964 onde morou até os nove anos de idade e veio para a Paraíba em fevereiro 1974. Segundo ela foi na Paraíba que começou sua história, desde que veio para Paraíba mora no mesmo local no Sítio Cisplatina distrito de Pedra Lavrada.

“aqui começou a minha história, filha de agricultor sou agricultora...”

Sua vida em Parelhas era sofrida, era uma família de quatorze pessoas com doze irmãos e seu pai trabalhava bastante para sustentar todos como ela mesma relata.

“Eu era pequena, mas ainda me lembro de papai plantava muito algodão vendia de carrada quando terminava a safra de algodão ia pras banquetas tirar minério vendia toda semana às porçõezinhas de minério pra fazer a feira era uma família de doze filhos, quatorze pessoas pra dar de comer e sem ter salário, o salário dele era esse do minério”

Teve uma época que faltou esse pequeno ganho do seu pai e eles conheciam o doutor Sebastião que tinha o pai que morava na Paraíba e assim ele levou seu pai e os três irmãos mais velhos para trabalhar na Paraíba, após um ano longe de seu pai o doutor Sebastião levou o resto da família para morar juntos.

“A gente veio pra cá eu tinha nove anos e até hoje estou aqui, estou com 52 anos e ainda estou aqui e nunca mais fui lá, chegou aqui continuou a mesma coisa trabalhando na agricultura”

Dona Nevinha descreve que quando foi à primeira vez na escola tinha cerca de dez anos a onze anos de idade no mesmo local onde morava em Cisplatina, em Parelhas nunca tinha ido á escola porque não tinha, quando chegaram só tinha o Mobral á noite, aí depois a professora chamada Nina passou a ensinar e o pai dela á colocou na escola junto com seus irmãos, mas ela estudava e trabalhava, ficava no roçado ate a hora do almoço umas onze horas vinha pra ir pra escola. Ela relata que quando ainda era a escola em

Cisplatina ainda estudou, mas quando passou para Cumaru outro distrito de Pedra Lavrada seu pai não a deixou mais ela ir porque não confiava neles era muito longe, agora os meninos alguns ainda continuaram estudando, mas ela ele não deixou mais por passar em frente à casa de seu noivo hoje seu esposo.

“Ele não deixava eu estudar por ciúmes porque passava na casa de messias, ele era rígido demais com a gente qualquer coisa a gente tinha que obedecer não era igual aos pais de hoje”

Isso demonstra o quando a mulher tinha uma educação diferenciada dos homens, por ser uma sociedade em que a mulher era educada apenas pra casar, cuidar da casa, dos filhos e do marido, como descreve o autor Oro, Weschenfelder, Stecanelaue (2011, p. 6) “que Historicamente, a mulher teve o acesso restrito à escolarização devido a uma sociedade marcada pelo modelo patriarcal que a conduziu à invisibilidade e ao espaço privado”.

De todos os seus irmãos apenas um chegou a cursar um curso técnico, outra irmã não terminou a faculdade porque não conseguiu pagar porque era particular já os demais todos terminaram o terceiro ano do ensino médio e ela parou na segunda serie do fundamental.

Ela casou com dezessete anos de idade e teve filhos e mesmo com eles pequenos ela trabalhava bastante desde motor de agave estendendo fibras ate massa pra servente.

“Meu menino mais velho ai buscar a fibra e no motor a gente fazia pra vender eu ganhava cinco reais por semana trabalhava pra o dono do motor e do agave tinha dia que 12h da noite a gente estava lá nas pedras pretas amarrando agave no lajeiro os meninos ia comigo eu não deixava os meninos sozinho em casa”

Dona Nevinha relata que ela mesma fazia as roupas dos seus filhos que aprendeu sozinha a costurar porque quando sua mãe estava costurando não deixava ninguém chegar perto, então ela apenas observando sua mãe usar a maquina de costura sem receber nenhuma instrução aprendeu a costurar.

“Ela dizia: saia daqui! com ela não aprendi a pregar nenhum botão, aprendi só olhando ela fazer”

Isso demonstra um tipo de aprendizado que ela teve que não precisou de escola ela aprendeu a costurar somente olhando sua mãe e através disso obteve benefícios como costurar a própria roupa dos seus filhos e sobre esse tipo de aprendizagem que não se faz necessário está em um ambiente escolar o autor Gohn (2014) descreve;

Uma educação informal na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização, ocorrendo em espaços da família, bairro, rua, cidade, clube, espaços de lazer e entretenimento; nas igrejas; e até na escola entre os grupos de amigo; ou em espaços delimitados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia, sempre carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados e ainda segundo o autor na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc.

Seu pai comprava tecido pra sua mãe fazer as roupas deles e pra ele também como calças, camisas e mangas compridas que também fazia com sacos de estopa e fazia lençóis abrindo ele ao meio.

Quando ela voltou a estudar foi depois de casada já tinha trinta anos e todos os seus filhos nascido, mas só estudou um ano no EJA porque foi na época em que seu pai adoeceu ela teve que ir pra Picuí cuidar dele doente. São inúmeras as dificuldades enfrentadas por alunos que resolve retornar a escola na modalidade EJA e as mulheres são as que mais sofrem com esses obstáculos porque dentro do seu lar lá elas são tidas como cuidadoras de toda sua família e é responsabilidade delas manter tudo organizado e em harmonia o que faz com que elas possuam duas jornadas e quando estas retomam os estudos possuem três jornadas que precisam conciliar pra obter o sucesso desejado que seja concluir o ensino que não teve oportunidade quando eram jovens, jornadas essas que são o trabalho, a casa a família e a escola como cita o autor Barbosa (2013, p. 2033) que “às trajetórias escolares interrompidas são ocasionadas pelas as dificuldades e as condições adversas que algumas mulheres enfrentaram no início da escolarização e se repetem na Educação de Jovens e Adultos, como o trabalho, a família, e o casamento”.

“Não tive mais cabeça pra estudar não, foi o tempo que ele morreu passou uns seis meses doente e ate hoje os médicos

não deram um diagnóstico, mas começou com uma diabetes alta e dificuldade de urinar os doutores não disseram a gente mas era problema na próstata”

Ela relata que seu pai e sua mãe eram diabéticos e seu pai faleceu em outubro de 97 mais ou menos com três anos depois faleceu o irmão mais velho com mais dois anos pra frente faleceu outro e nessa história já vai com cinco irmãos mortos, sua mãe morreu em 2012 com câncer no pulmão quando fazia quatro anos que ela tinha falecido outro irmão que morava na Bahia também faleceu ai esse final de ano passado 2016 faleceu outro, das mortes foram três casos de câncer. Outra grande perda recente foi da sua sogra também no final do ano de 2016 ela morava com ela já fazia 14 anos onde cuidou dela esse tempo todo ela á levou pra sua casa pra passar um mês enquanto se recuperava porque tinha quebrado um braço, ela tinha duas filhas, mas nenhuma quis cuidar como era ela que estava indo pra o médico com a sogra á levou pra sua casa.

“Do jeito que trouxe ela do médico aqui ela ficou”

Dona Nevinha relata que foi mesmo na época que ela também não estava bem de saúde, mas que mesmo assim trouxe a sua sogra pra dentro de casa e cuidou dela durante quatorze anos foi um tempo muito difícil porque ela não andava e só ficava deitada em uma cama esse tempo todo que esteve sobre seus cuidados.

Sua sogra nunca foi a favor do seu casamento porque Dona Nevinha é negra foi tanto que ela chegou “xingar” ela um tempo depois de estar sobre seus cuidados a chamando de “cobra” e “negra nojenta”, mas essa magoa não a impediu de cuidar de sua sogra com toda dedicação como se fosse sua própria mãe. Sua dedicação era tanta que deixou de trabalhar na agricultura pra cuidar de sua sogra.

“Não tive mais condições de ir trabalhar porque não podia deixar ela sozinha em casa ela caia da cama. Ela faleceu ano passado ai agora se chover eu volto a trabalhar na agricultura sou agricultora, mas nunca mais trabalhei, mas se esse ano chover vou pra dentro do roçado de novo não tem quem me segure agora não tem mais a velhinha”

Relata ela com carinho.

Quando trabalhava ela lembra com emoção que os três filhos quando era pequenos ela os deixavam com a vizinha depois ficaram maior eles ficavam sozinhos em casa a mais velha já sabia cozinhar, mas mesmo assim ainda tinha preocupação porque ela sempre foi muito doente muitas vezes desidratada com crises de garganta e também febres altas. Um dos piores incidentes que ocorreu quando deixava seus filhos sozinhos em casa foi a mais nova que derramou a panela fervendo por cima do seu peito ela tinha apenas cinco anos e teve queimaduras severas, como naquela época era difícil transporte ela demorou três dias pra levar sua filha ao hospital o que agravou bastante as queimaduras. Hoje os seus filhos já estão adultos, Vando o mais velho é casado e mora em Recife e trabalha lá tem três filhos homens e um é especial, Ivânia a filha do meio é casada e mora em Pedra Lavrada é agricultora e têm dois filhos homens e Milena a mais nova e solteira ainda mora com a mãe é professora de biologia.

"Eu tenho cinco netos homem e uma neta adotiva que é filha da mulher do meu filho"

Com relação aos seus filhos ela fala que sempre os deixou a vontade pra estudar e trabalhar o que trabalhou mais foi Vando o filho mais velho trabalhava e estudava ele ficava até 11 horas apanhando feijão e depois carregava fibra de agave pra ela estender, ele estudou até o primeiro ano do ensino médio e com 16 anos foi embora pra Recife trabalhar e lá formou sua família e até hoje esta lá, Ivânia chegou a terminar o ensino médio completo e Milena a mais nova formou-se em Ciências Biológicas.

"Nunca os forcei a trabalhar e nunca empatei de estudar só fui rígida na questão de educação, Incentivei contei que não tive oportunidade e contava a história que eu passei dava conselhos pra estudar".

Ela relata novamente emocionada a ponto de chorar bastante lembrando o passado duro e de poucas oportunidades que seu pai era rígido ela queria estudar e ele nunca a deixou e lembrando isso ela fala que seu pai perto de morrer chamou sua filha mais nova e segurando sua mão bem forte apertando falou pra ela estudar porque o estudo dela ia servir pra mãe dela também.

“Isso eu nunca esqueço ele lembrou que não me deixou estudar que era o que eu queria e com os três dias pra frente ele morreu”

Ela fala que seu maior sonho caso tivesse estudado era ser enfermeira e ela descreve que tem um dom pra isso algo natural dela, um extinto de cuidar das pessoas que estão necessitando de algum tipo de cuidado.

“Se tivesse estudado minha vocação era ser enfermeira eu gostava e, aliás, ainda hoje eu gosto é tanto que quando adoecia uma pessoa não iam atrás de uma pessoa pra ir pro hospital era tudo comigo, era mulher pra ter menino, era gente pra se operar... eu mesmo doente ainda acompanhei Raquel pra se operar o curativo de Raquel era eu que fazia todo dia”

“O povo confiava em mim porque eu tinha jeito pra cuidar, pra resolver as coisas eu desenrolava as coisas e também mesmo no hospital ate as enfermeiras achavam bom, porque eu não esperava por elas, quando deixavam o soro lá pra Raquel ai eu já trocava quando elas vinham pra trocar eu já tinha trocado”

Ela relata que desde a infância tinha essa vontade de ser enfermeira já era da cabeça dela esse dom pra cuidar das pessoas que estavam precisando e quando seu irmão cortou a mão em agosto de 88, ela foi com ele pra campina grande segurando a mão dele toda esbagaçada e ele gritando muito.

“Ele segurou em mim e só ia se eu fosse ai eu tinha minha filha bem novinha ai fazer três meses só fazia mamar mesmo assim fui segurando a mão dele ate lá”

“Quando vejo uma pessoa assim doente da vontade de eu tomar conta de cuidar acho que foi por isso que eu trouxe essa velha pra dentro de casa e cuidei 14 anos”

Hoje em dia dona Nevinha descreve que não tem nervo pra aguentar muita coisa depois de passado por varias perdas e cinco cirurgias e ainda tem que fazer outra só que ela relata não ter mais coragem pra passar por outra cirurgia, diabética assim como seus pais ela tem um ferimento no pé que esta difícil de sarar. Ela passou por uma grande cirurgia a última que fez como relata que foi muito sofrida e cara foi preciso arrecadar dinheiro porque custou dez mil reais foi uma cirurgia de mega esôfago e também já tinha passado por outras cirurgias como apêndice, cisto e outros que somando chegaram a cinco cirurgias.

“Hoje vivo feliz com minha família toda criada e muitos netos”

No sítio onde mora atualmente com seu esposo e filha mais nova ela cria porco, galinhas, vacas e tem uma plantação de palmas que serve pra alimentar o gado e quando chove planta milho, feijão, fava e outras coisas do roçado como podemos observar na figura1.



Figura 1: Sítio onde reside dona Nevinha, mostrando sua casa e alguns animais domésticos.

Seu esposo atualmente está aposentado, mas sempre trabalhou como agricultor e pra complementar a renda de família dona Nevinha faz doces caseiros é um pequeno empreendimento que está dando certo e começou com a vontade de produzir porque era o que ela gostava de fazer e com o tempo foi crescendo e conquistando mais consumidores do seu doce caseiro.

“Os doces aprendi de convicção minha mesma faz mais de ano que coloquei na cabeça de fazer esses doces”

Como relatado por ela que aprendeu sozinha a fazer somente utilizado os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida sobre doces e sua vontade de trabalhar com algo que dominava muito bem, configurando assim uma educação informal na qual não foi necessária a intervenção de professores com cursos ou outro tipo de capacitação para isso, sobre esse tipo de educação o autor Gohn (2006, p.29) descreve;

Na educação informal, opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados e essa educação não é organizada, os conhecimentos não são sistematizados e são repassados a partir das práticas e experiência anteriores, usualmente é o passado orientando o presente. Ela atua no campo das emoções e sentimentos. É um processo permanente e não organizado.

Ainda segundo o autor Gohn (2006, p.30) “na educação informal os resultados não são esperados, eles simplesmente acontecem a partir do desenvolvimento do senso comum nos indivíduos, senso este que orienta suas formas de pensar e agir espontaneamente”. E foi essa forma de pensar e agir espontaneamente que gerou essa vontade de fazer doce a partir do que ela já tinha em mente e que sabia que obteria sucesso porque tinha o domínio e o aprendizado pra isso.

Sobre essa educação informal Trilla (2008) relata que;

A educação informal é um processo que dura á vida inteira, em que as pessoas adquirem e acumulam conhecimento, habilidades, atitudes e modos de discernimento por meio das experiências diárias e de sua relação com o meio.

Atualmente a produção de doces de dona Nevinha é só feita por ela mesma, mas observando o potencial e levando em consideração que ela tem bastante prática e conhecimento e sabe fazer muito bem doces ela tem um grande potencial pra montar um grupo de empreendimento solidário no qual poderia ensinar as mulheres como fazer e planejar todos os passos com a experiência que possui como bem descreve o autor Oliveira (2004, P. 11)

Observamos a predominância das mulheres nos empreendimentos, bem como seu protagonismo e a capacidade de constituir espaços de geração de trabalho e renda a partir das atividades apreendidas ao longo da socialização: cozinhar, limpar, costurar, bordar, fazer artesanato. Essas atividades constituíram-se como pertencentes ao espaço privado ou atividades “tidas como femininas” e é essa justamente a grande força da Economia Solidária.

E ainda segundo o autor “a grande força da Economia Solidária está no artesanato, na confecção e na área de produção de alimentos. Todas essas são historicamente atividades relacionadas ao universo do fazer feminino” Oliveira (2004, p.11).

Na comunidade em que ela vive não existe um grupo de mulheres em economia solidária e isso trará benefícios para ambas às partes porque além de uma renda extra a economia solidária também junta às pessoas e as fazem sentir melhor.

"Vários grupos de mulheres têm se organizado, cada vez mais, em todo o Brasil na busca de trabalho com geração renda, de melhorias de vida apoiando-se em empreendimentos econômicos autodenominados solidários". RAMOS, (2011, p. 2).

O que se nota é um crescimento da sua produção que inicialmente era apenas colocado em potes plásticos hoje ela já vende pra fora com etiquetas personalizadas da sua logomarca "Doces Das Neves" como mostrado na figura 2. Como seu filho trabalha em restaurante na cidade do Recife ele leva os seus doces pra serem vendidos lá, além de serem bastante aceitos na comunidade local e cidades vizinhas.



Figura2: Produção de doces de dona Nevinha já embalados e etiquetados prontos para comercialização.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relato de vida podemos concluir que as dificuldades enfrentadas por Dona Nevinha é algo recorrente na vida de muitas mulheres principalmente as de origem humilde.

Durante sua trajetória de vida ela enfrentou muita pobreza principalmente por ser de uma família bastante grande composta de quatorze pessoas todas dependentes apenas da renda do seu pai. Sua condição como mulher foi algo determinante que influenciou diretamente na não conclusão dos seus estudos dentro da sua idade certa, mostrando assim o patriarquismo que seu pai exercia quando a proibiu de estudar pelo simples fato de ser mulher e por esse motivo não poderia sair para lugares mais distantes nem muito menos passar em frente à casa do seu noivo por considerar aquilo como desonroso.

Ao retornar seus estudos logo depois de casada e com todos os seus filhos grandes ela se depara novamente com sua condição de mulher de cuidadora de sua família e sempre colocando esse fato acima tudo em sua vida, com isso ela desiste novamente do seu sonho de estudar para cuidar do seu pai doente.

Apesar das dificuldades enfrentadas tanto antes como depois do seu casamento ela sempre foi uma mulher batalhadora conseguindo superar todos os desafios que a vida lhe deu, aprendendo informalmente algumas técnicas como costurar e isso lhe foram de grande valia durante sua vida, mas o que lhe rendeu sucesso e proporcionou uma renda extra é sua produção de doces caseiros que tem grande potencial de expandir não somente individualmente, mas também através de grupo de economia solidária na qual ela com seu aprendizado e experiência poderá capacitar e treinar outras mulheres para que se juntem no mesmo projeto de vida de produzir e adquirir renda através do seu trabalho manual.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, adrielle silva. **Economia Solidária e Educação: Experiências pedagógicas com educação de jovens e adultos.** Universidade de Brasília Faculdade de Educação. Brasília, abril de 2012.

BEZERRA, Maria do Socorro Soares; LIMA, Lucileide Paz Ferreira de; SANTANA, Marcelo da Fonseca. **A educação popular e a eja na construção da cidadania.** II encontro de pesquisa e práticas em educação do campo da Paraíba João pessoa UFPB 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BONUMÁ, Helena. **As mulheres e a economia solidaria: a resistência no cotidiano tecendo uma vida melhor.** Porto Alegre 2015.

BARBOSA, Ana Rita. **Os impactos da educação de jovens e adultos na vida de mulheres no município de barra de santana – pb.** 2013.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio.** São Paulo. Companhia das letras 1990.

CORRÊA, Rosa Lydia Texeira; GUIRAUD, Luciene. **Possibilidades e limites de histórias de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 28, p. 671-687, set./dez. 2009.

CASTRO, Amanda Motta; TEIXEIRA, Cintia Andréa Dornelles. **ARTE, TÉCNICA, PROCESSO E CONHECIMENTO: a inventabilidade pedagógica de mulheres na tecelagem manual.** UFBA. Revista feminismos Vol.3, N.1 Jan. - Abr. 2015.

CORÊA, Luís Oscar Ramos. **Economia popular , solidária e autogestão: O papel da educação de adultos neste novo cenário (tendo como perspectiva a atuação da ufrgs)** 2001.

CONAES. I Conferência Nacional de Economia Solidária “**Economia Solidária como Estratégia e Política de Desenvolvimento**”- Brasília 26 à 29 de junho de 2006 –N Fundamentos da Economia Solidária (ano 2006, P. 2 a 4)

EGGERT, Edla; Silva, Márcia Alves da. **Observações Sobre Pesquisa Autobiográfica na Perspectiva da Educação Popular nos Estudos de Gênero. CONTEXTO & EDUCAÇÃO** Editora Unijuí, Rio grande do Sul, Ano 26 nº 85 Jan./Jun. 2011.

FRANTZ, Walter. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária.** Coleção Educação a Distância Série Livro-Texto. Universidade regional do noroeste do estado do rio grande do sul – unijuí, Rio Grande do Sul, Brasil 2012.

GASPAR, Alberto. **A educação formal e a educação informal em ciências. Luzes no Oriente.** História em revista. Rio de Janeiro: Editora Cidade Cultural, 1990.

GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica/** Moacir Gadotti (2009, P. 26 a 30) São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009 (Edição popular).

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos.** 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GAIGER, Luiz Inácio. **A ECONOMIA SOLIDÁRIA DIANTE DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA**. 2002.

GALO, Ana Rita Gallo; Dakuzaku, Regina Yoneko; EID, Farid ; VALÊNCIO, Norma Felicidade L. da Silva ; SHIMBO, Ioshiaqui; MASCIO, Carlos César. **Incubadora de cooperativas populares: Uma alternativa à precarização do trabalho**. 2002.

GUÉRIN, Isabelle. **As mulheres e a Economia Solidária**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HASS, Clarissa. **A história oral como itinerário de pesquisa na educação especial: Construindo narrativas de “aceitação do outro como legítimo outro”**. 2012.

IFIL, Euclides André Mance. **Economia solidária – relato de experiências no paraná**. Maio de 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003;

MATOS, júlia Silveira; SENNA, adriana kivanski de. **História oral como fonte: Problemas e métodos**. *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MORAES, Ana Almeida de Araújo. **Historia de vida e autoformação de professores: Alternativa de investigação do trabalho docente**. *Proposições*, v15. N. 2(44)-maio\ago. 2004.

NASCIMENTO , Aline Fátima do. **Economia popular solidária: Alternativa pra geração de trabalho e renda e desafio aos profissionais de serviço social**. *Revista textos & contextos porto ale* v. 6n. 2p. 264-281. Jul.\dez.2007.

NOBRE, Mirian. **mulheres na economia solidária**. Publicado em A Outra Economia organizado por Antonio Cattani. Editora Veraz e Unitrabalho, Porto Alegre, janeiro de 2003.

NEVES, Liberia Rodrigues; Lemes, Bianca Xavier; Campos, Nathalia Elisa Bruno de. **ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: A formação e a atuação dos Arte-educadores**. UEMG Minas Gerais, 2013.

OLIVEIRA, adriana lucinda de. **A trajetória de empoderamento de mulheres na economia solidária**. 2005.

OLIVEIRA, Salete Luciana de. **Narrativas de vida de estudantes da eja**. Universidade federal do rio grande do sul Faculdade de educação Curso de especialização de jovens e adultos e educação de privados de liberdade. Porto alegre janeiro de 2013.

OLVEIRA, Adriana Lucinda de. **O processo de empoderamento de mulheres trabalhadoras em empreendimentos de economia solidaria**. Florianópolis 2004.

ORO, Amina Ciandra; WESCHENFELDER, Rosa Cristiana S. ; STECANELA, Nilda. **Mulheres e EJA: o que elas buscam**. 2013.

PERAZZO, Priscila F. **Dossiê Oral Narratives of Life Stories**. Recebido em 30 de novembro de 2014. Aprovado em 26 de janeiro de 2015.

RAMALHO, Catarina Sofia Casanova. **Da biografia à história de vida – percurso de uma jovem**. 2012.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RAMOS, Alyson Thiago Almeida. **mulheres na economia solidária: uma alternativa de inserção social ao mercado de trabalho**. Salvador, 2011.

SILVA, Márcia Alves da **Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 55, p. 247-260, jan./mar. 2015. Editora UFPR.

SILVA, Shirley Ângela da; FERREIRA, Shirley Lopes; FERREIRA, Daniela Maria. **A expectativa dos alunos da Educação de Jovens e A dultos (EJA) com relação à educação para o trabalho**.2011.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carolyne Reis; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de. **“Conte-me sua história”:** reflexões sobre o método de História de Vida. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. ISSN 1982 – 1913 2007, Vol. I nº 1, 25-35.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história**. Departamento de história. Universidade Federal do Paraná, 2000.

SANTOS, Inês Maria Meneses dos; SANTOS, Rosângela da Silva. **A etapa de análise no método história de vida – uma experiência de pesquisadores de enfermagem. the analysis stage in the life story method – a experience of nursing researchers la etapa de análisis en el método historia de vida – la experiencia de los investigadores de la enfermeira**. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 714-9.

SANTOS, Moacir Jose dos; CONCEIÇÃO, Alan Alves Brito ; VIEIRA, Edson Trajano. **Economia solidaria: alternativa para o desenvolvimento regional e a inclusão produtiva - globalização em tempos de regionalização . Repercussão no território Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 9 a 11 de setembro de 2015**. VII seminário internacional sobre desenvolvimento regional Rio Grande do Sul Brasil.

SINGER, Paul, 2005. **A economia solidária como ato pedagógico**. In: KRUPPA, Sonia M. Portella (org.). **Economia solidária e educação de jovens e adultos**. Brasília: Inep/MEC, p.15-20.

TINOCO, Rui. **Historia de vida: Um método Qualitativo de Investigação**. 2004.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie; ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

APÊNDICE A: Termo de consentimento livre e esclarecido.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE – CES/CUITÉ
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é EDJANE DOS SANTOS MANGUEIRA e gostaria de conversar com a senhora sobre uma pesquisa que estamos fazendo pela UFCG.

Este trabalho está sendo realizado pela Universidade Federal de Campina Grande, sob o título **“História de vida de uma mulher doceira no Seridó paraibano: Memórias, trabalho e educação”** e não tem nenhuma relação com governo ou outra instituição. Nossa finalidade única é obter informações sobre sua trajetória de vida, e, dessa forma, a participação da senhora não implica em nenhum benefício material como o recebimento de doações de alimentos ou a inclusão em programas governamentais.

A senhora não é obrigada a participar da pesquisa e se não participar isto não vai lhe trazer prejuízos. A senhora poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e por qualquer motivo.

Os resultados deste trabalho deverão ser divulgados em revistas científicas, mas com a garantia de que, em nenhuma circunstância, as identidades dos entrevistados serão identificadas.

Se todas as suas dúvidas foram esclarecidas, pedimos o seu consentimento para incluí-la como participante da pesquisa. Se tiver qualquer dúvida sobre o estudo, pode entrar em contato com a coordenadora da pesquisa Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

Responsável pela Pesquisa

Edjane dos Santos Manguiera

Orientadora da Pesquisa

Profª Dra. Leticia Caporlingua Giesta

Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Educação e Saúde /Unidade Acadêmica
de Educação Tel: (83) 3372-1900

UFMG/BIBLIOTECA

AUTORIZAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____,
declaro que fui devidamente esclarecido(a) e concordo em participar da pesquisa
**“História de vida de uma mulher doceira no Seridó paraibano: Memórias,
trabalho e educação”** e com a publicação dos resultados.

_____, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do entrevistador

Assinatura do (a) entrevistado(a)

Assinatura da testemunha